 ISBN: 978-85-87942-61-6

Solo, Dueto, Terceto e Quarteto

Solo

Modernidade da Inquisição: a lógica das fogueiras
Nathan Wachtel (College de France)

Terceto

Antropologia e Direitos Indígenas: da Constituição aos dias de hoje na 31ª RBA

A convite da presidenta da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), Lia Zanotta (UnB), e da organização da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia (31ª RBA), no dia 10/12, no período da tarde, foi realizado o Terceto com os antropólogos João Pacheco de Oliveira (MN/UFRJ), Tonico Benites (Liderança Indígena Kaiowá - MN/UFRJ) e a educadora indígena, Joziléia Daniza Jagso Inácio Jacodsen, do povo Kaingang. Os três tiveram a oportunidade dialogar sobre Antropologia e Direitos Indígenas, desde a Constituição aos dias de hoje. O terceto contou com a presença da Professora Lia Zanotta à Mesa e de um amplo e interessado publico de antropólogos/as , muitos deles e delas indígenas.

“Estamos arriscando a nossa vida para efetivação de um direito conquistado, é preciso demarcar as nossas terras, fomos expulsos, nossos familiares são assassinados cotidianamente, nosso direito custa o nosso sangue, e ainda querem aplicar o marco temporal, alegando que não somos originais das nossas terras. São décadas de luta e séculos de exploração”, apresentou o antropólogo Tonico Benites, que trouxe em seu discurso a dura realidade em que vivem os Guarany Kaiowá, em Mato Grosso do Sul.

“A Terra é parte da nossa formação enquanto ser, nós e a floresta formamos o território tradicional para sermos Kaingang, tudo é complementar, demarcação já!”. Assim iniciou o debate a professora Josiléia Kaingang, que em sua fala trouxe desde a memória ancestral da ocupação territorial até as estratégias atuais de luta pelos territórios sagrados. A Kaingang destacou ainda a importância das instituições, principalmente

das universidades, para as conquistas e avanços da agenda do movimento indígena.

Para o antropólogo João Pacheco de Oliveira, ex-Presidente da ABA, “as etnias indígenas são parte do patrimônio cultural brasileiro, pluralismo importante na nossa sociedade, significa grande esperança da nossa nação”. Ele que é Professor Titular do Museu Nacional/UFRJ e cujos trabalhos são incontornáveis para a compreensão dos direitos dos Povos Indígenas, ressaltou que “garantir direitos indígenas no Brasil é sempre um grande desafio, e declarar que não vamos demarcar terras indígenas é inconstitucional”.

Durante a 31ª RBA, João Pacheco de Oliveira (MN/UFRJ) concedeu ao professor Henyo Barreto, do Departamento de Antropologia (DAN) da UnB, uma entrevista realizada na UnBTV sobre o tema.

Notícias sobre o evento em nossas redes sociais:
Facebook: https://www.facebook.com/ABA.antropologia/
Twitter: https://twitter.com/aba_ant

Quarteto

Momento único para dialogar sobre casos conhecidos como autos de resistência. Conhecê-los é conhecer um pouco mais sobre homicídio praticado pela policia contra civis no Rio de Janeiro. Alegam direito de defesa do policial diante de suposta resistência do morador. Contou com a presença das professoras antropólogas convidadas Adriana de Resende Barreto Vianna (MN/UFRJ), Lucia Eilbaum (UFF), em diálogo com as líderes de movimentos sociais: Ana Paula Oliveira (Mães de Manguinhos) e Maria Dalva Correia da Silva (Rede de Comunidades e Movimentos contra a Violência) e com a antropóloga e cineasta Natasha Neri. Teve a mediação de Lia Zanotta Machado, Presidenta da ABA.

Em sua fala, Ana Paula Oliveira, aponta a execução da Marielle, como uma mostra assustadora dessa violência, "Marielle nos apoiava e cuidava, hoje eu vejo Marielle como nossa filha e lutamos pela memória dela”. Ana Paula teve seu filho morto. A morte de seu filho foi registrada como auto de resistência, sem qualquer prova.

“A realização do quarteto foi importante e fundamental por trazer o tema da violência de estado e institucional através da linguagem do cinema e da participação de mulheres negras que vivenciam no próprio corpo e na vida essa violência pela morte de seus filhos e por todos os efeitos que isso teve e tem nas suas vidas. Receber essas contribuições na Reunião Brasileira de Anatropologia permite explicitar e colocar em discussão o tema tão caro à vigência dos direitos humanos no Brasil” explicou a pesquisadora Lúcia Eilbaum.

Para Adriana Vianna, essa atividade indica o quanto a produção do conhecimento antropológico é

 ISBN: 978-85-87942-61-6

indissociável das pessoas e coletivos com quem nos engajamos. Dialoga diretamente com as formas de conhecimento e as ações produzidas pelos movimentos sociais e isso nos fortalece como disciplina e como atores sociais" ressaltou a antropóloga.

As convidadas são pesquisadoras que conhecem o tema há muitos anos. São envolvidas nos movimentos sociais e de familiares que lutam, cotidianamente contra essas violações. No estado do Rio de Janeiro 5 pessoas são mortas por dia no ano de 2018.

O Quarteto teve em sua programação a exibição do filme **Autos de Resistência**, com direção de Natasha Neri depois de anos de pesquisa. "Encontramos grandes dificuldades nesses casos judiciais. Percebemos que os policiais não se esforçam para apurar os casos, a grande maioria dos casos são arquivados por falta de provas ou até mesmo tornam vítimas culpadas. A partir dessa angústia nas investigações, surge o filme Auto de Resistência para expor a luta de familiares em busca de justiça" argumentou Neri.

Notícias sobre o evento em nossas redes sociais:
Facebook: https://www.facebook.com/ABA.antropologia/
Twitter: https://twitter.com/aba_ant

Dueto

Debatendo a territorialidade e identidade étnica quilombola na 31ª RBA

A convite da Presidenta Lia Zanotta e da organização da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia (31ª RBA), na tarde do dia 11/12, a líder quilombola Anacleta Pires e o antropólogo Alfredo Wagner compuseram a mesa denominada Dueto, estabelecendo diálogo sobre tema candente: **Antropologia e Direitos Quilombolas: da Constituição aos dias de Hoje**. Para completar, a dupla contou com a mediação da professora Eliane Cantarino, que, como Wagner, se dedica aos estudos de povos tradicionais e quilombolas.

A líder feminina nascida em Santa Rosa dos Pretos, no estado do Maranhão, falou da importância da RBA e da

 ISBN: 978-85-87942-61-6

ABA para as conquistas dos quilombolas. Ela lembrou que “a antropologia é uma importante aliada na luta por direitos e que precisam ser fortalecidos os compromissos para continuar as mudanças dessa realidade tão sofrida”.

Para o antropólogo Alfredo Wagner, que é pesquisador e aliado da causa quilombola, o tema escolhido para a 31ª RBA realizada em Brasília, em 2018, foi perfeito, ***A Antropologia em Ação;*** e a luta dos quilombos no Brasil é um grande exemplo desta antropologia em ação, “a identidade quilombola não tinha reconhecimento e nosso trabalho foi fundamental nesse processo de reconhecimento da identidade e da territorialidade dos quilombos”, enfatizou o antropólogo.

Durante a 31ª RBA, a quilombola Anacleta Pires concedeu à professora Mônica Nogueira, do Centro de Desenvolvimento Sustentável da UnB, uma bela entrevista, realizada na UnB TV.

Confira no link: https://www.youtube.com/watch?v=l91KTECUS4

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Realização:

Apoio:

Organização: